

## Suspeito que estamos



Por **VITOR MORAIS\***

*Cada um no seu quadrado, seguindo o papel a que lhe foi designado por um Deus que faz feitiço na tribo da mercadoria*

Há tempos que venho esperando pelo dia 28 de maio de 2024 para realizar o acerto de contas que aqui segue. Acerto de contas pois foi eu mesmo quem me convidei a fazer a atualização histórica, o balanço de uma época, da bomba relógio armada para metralhar um país que Nuno Ramos soltou, assim, como quem não quer nada além de uma verborragia, na página três da *Folha de S. Paulo* em 28 de maio de 2014. Faltava menos de um mês para a estreia do Brasil contra a Croácia em Itaquera, abrindo a porteira da Copa do Mundo. De lá para cá, o Brasil tomou 7 a 1 da Alemanha, que ganhou nosso Mundial de 2014, e a zebra da Croácia foi parar na final da Copa de 2018, na Rússia.

Mas eu não vim pela Copa, que agora muda de data conforme a dança climática endinheirada. Isto porque tem dez anos que Nuno Ramos suspeitou. Oficialmente ele não se sentia preparado para dizer sobre nada, e então disse sobre tudo, valendo-se deste sacana recurso de suspeitar. Coisa que pode parecer *mezzo* irônica, *mezzo* cortesã, mas que funcionou, pois seu “Suspeito que estamos” foi um marco de época. Este texto é menos pretencioso no desejo da repercussão. Antes, quero dizer do que sei. Afinal, há dez anos não havia apenas futebol para ganhar, mas uma eleição para capitanear a vitória guinando as emoções sociais de um país em erupção estridente. Talvez isto explique por que Nuno Ramos suspeitava sabendo, com medida estranha aos paulistas. Hoje suspeitar tornou-se algo alienado, para não dizer vendido. Está tudo escancarado. Vamos a veracidade?

Então vou falar sobre o que sei – e que o Nuno já sabia há dez anos. Sei que soube da existência de Nuno Ramos em maio de 2020, quando vi um dos insuportáveis vídeos de Paula Lavigne expondo o confinamento de Caetano Veloso. Sei que a cafonice sem meninice dos vídeos fazia parte de uma estratégia de *marketing* intelectual do agrado de Caetano. Ele dizia no vídeo que lia Nuno Ramos. Era “O baile da Ilha Fiscal”. Caetano já me chamava atenção à época, para além do *frenesi* de sua divinolândia. Deparei-me ali no texto de Nuno com uma espécie de *pós-réquiem*. Fui descobrir depois que ele já havia vertido em defunto o Brasil (Moebius) em seu livro de 2019, [Verifique se o mesmo](#). “É provável, em suma, que tenha escrito sobre algo de que me despeço”. Então a gente cantava para tudo ficar Odara, joia rara, dançando enquanto o navio afundava. Sim, cena do “Titanic”, o titânico.

Eu prefiro o “Valhacouto” de Douglas Germano e Aldir Blanc. “Quero danças sobre as ruínas / Dos reinos da escuridão / Riam, riam, o circo começou a lamber / Eu quero beber pelas esquinas, reza, rimas / Mas vou precisar de vocês”. O engraçado é que também o Nuno cantava para tudo ficar Odara, na sua própria festa de aniversário de 60 anos. Quem é que não cantava? A pancada não é pouca. De algum modo, há a saída à Jim Jones e a saída à Caetano Veloso. E eu estou crente que Jim Jones, Paulo Martins e, *por que não*, Glauber Rocha, comungam da mesma entidade *kamikaze*. A singularidade do Brasil de Moebius é que, se Hitler se suicida por covardia, Getúlio Vargas o fez por heroísmo. Ele foi herói. De que, é outra estória. Hoje somos todos *kamikazes ao céu*, destilando um som que mela o estômago e causa diarreias infinitas.

# a terra é redonda

Sei que Francisco Alambert não estava jogando ideias ao léu quando reivindicou, em seu “Brasil diarreia 2020” o “Brasil diarreia” de Helio Oiticica. Não mais aspiramos. Estamos em um grande labirinto, girando em falso, decidindo se vamos morrer de heroísmo no país em que se morre de Brasil; ou se em nome de uma falta de cuidados terminais, escolheremos pela agônica razão tropicalista (o termo é de Alambert), dançando para tudo ficar Odara quando Odaraebius nem mais existe. Nem nunca existiu. As recentes agendas intelectuais revisionistas do Brasil Modernoebius, que fazem questão de escancarar suas políticas eugenistas e disciplinadoras comprovam isto. Elas se inserem em um contexto maior, “uma mesma e última privatização – a do infinito”. Os sonhos que não envelhecem são findos no mundo do mesmo. Eu também tenho medo do mesmo. Sua autoridade violenta e viril diz mais sobre qualquer sensibilidade desvirilizante de Caetano. Chego a sentir saudades do torturador sentimental cantado em prosa e verso por Chico Buarque e Ruy Guerra.

Em dez anos a Patrícia Poeta copiou a Fátima Bernardes e fez poesia sobre racismo reverso no Jardim Botânico, em rede nacional, social, digital, o que for. O Luciano Huck, com este sobrenome que engana, parecendo de super-herói, super-homem, super super, virou pré-candidato a presidente da República. O príncipe de Higienópolis adorou, falando desde seu principado em ruínas de quem nunca foi rei de fato. Acontece que o homem verde da televisão é meio Datena, meio Silvio Santos; brinca, mas não vai. Covarde. Frouxo. Coisa séria demais. E olha lá; sim, a Portuguesa faliu, e o Galvão Bueno foi aposentado em 2022. Obsoleto demais no “tempo saturado de agora”, meio folclórico, andava falando mais que o que devia.

E então neste rolo compressor de jogar no lixo tudo que fica velho – e fica velho em um segundo – eu sei muito bem em que o Cacaso pensava quando escreveu em “Jogos florais” (de Grupo Escolar, 1974), o seguinte: “Ficou moderno o Brasil / ficou moderno o milagre: / a água já não vira vinho, / vira direto vinagre”. É um azedume insuportável e onipresente este em que vivemos. Também Jesus (esse foi herói), ao pedir água na cruz, recebeu vinagre. O autor do milagre raiz recebe o milagre Nutella®. A mesma iguaria pós-moderna que os puristas de hoje em dia se negam a comer pela exploração do óleo de palma no sudeste asiático. Os mesmos que fazem listas de palavras proibidas. Há momentos em que acho que todos se merecem neste 2024. O mesmo merece o mesmo.

Mas então lembro que sei dalgo. É o seguinte: há algo na alga que impregna n’algo. A racionalidade, a abstração do capital, que muda dia e noite no vai e vem dos pinguins do mundo, na sua guinada neoliberal, colocou todo mundo como inimigo de todo mundo. Isto me faz crer que não era mero infortúnio o “Se vira nos 30” do Domingão do Faustão. Agora, também nosso lado cumpre este papel na era dos intelectuais *influencers*. Os sujeitos periféricos, da esquerda dita identitária, vão lá e atacam aliados de classe, de bairro, que encontram zelo de comunidade (de pobreza e fé) nas igrejas evangélicas, que por sua vez instrumentalizam a fé e levam ao limite a subjetivação de que o inimigo mora mesmo ao lado. E politizam, e não querem apenas cargos e vagas em processos seletivos com cotas. Querem mais, muito mais. É um curto-circuito, e é para ser assim mesmo. Não há nada de surpreendente e novo nisso, senão de assustador. Cada um no seu quadrado, seguindo o papel a que lhe foi designado por um Deus que faz feitiço na tribo da mercadoria (a expressão é de Paulo Arantes).

E há nós, marionetes de nós mesmos, que sabemos que existiu passado e então ficamos saudosos. Ah, como foi bom. Esta ressaca de revolução frustrada, utopia tropical, civilização brasileira que vai decolar e salvar o mundo de si próprio. Pobre Brasil, foi comido por aquilo de si mesmo que deveria salvá-lo. Chega de saudade. Vem, vamos embora, gente.

\*Vitor Moraes foi graduando em História na USP.

**A Terra é Redonda existe graças aos nossos leitores e apoiadores.**

**Ajude-nos a manter esta ideia.**

**CONTRIBUA**